



UM LAMPIÃO NAS ESQUINAS ESCURAS: HISTÓRIA, SEXUALIDADE E CINEMA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A LAMP IN THE DARK CORNERS: HISTORY, SEXUALITY AND CINEMA IN CONTEMPORARY BRAZIL

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3570-7121>

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2022.v14.16400>

Recebido em: 30 de julho de 2022.

Aprovado em: 10 de novembro de 2022.

RESUMO: Objetiva-se por meio desse artigo, analisar o papel que o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) ocupou e ainda ocupa no que diz respeito a história e a atuação do movimento LGBTQIA+ no Brasil. Para isso, analisou-se algumas reportagens, bem como, o documentário *Lampião da Esquina*, lançado em 2016. A metodologia foi por meio de um levantamento de informações do jornal/documentário, colocadas em tabelas. Por fim, a produção fílmica, se torna importante para visibilização das discussões sobre as sexualidades não-hegemônicas.

RESUMO: The aim of this article is to analyze the role that the newspaper *Lampião da Esquina* (1978-1981) played and still plays in terms of the history and activities of the LGBTQIA+ movement in Brazil. For this, some reports were analyzed, as well as the documentary *Lampião da Esquina*, released in 2016. The methodology was through a survey of information from the newspaper/documentary, placed in tables. Finally, filmic production becomes important for making discussions about non-hegemonic sexualities visible.

Palavras-chave: Lampião da Esquina; Movimento LGBTQIA+; Sexualidades não-hegemônicas; História do Brasil Recente.

Palavras-chave: Lampião da Esquina; LGBTQIA+ Movement; Non-hegemonic sexualities; Recent History of Brazil.

¹ Atualmente desenvolve pesquisa de Doutorado no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, na Linha de Pesquisa Poder, Sertão, Identidades (2021-2025). Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em História-Licenciatura, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduado em Turismo, também pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pesquisador nos grupos de pesquisa: “Universo Dialógico - Grupo de Pesquisa em Cultura, Política & Diversidade”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAQ, e “Gênero, Sexualidade, Educação, Saúde, Mulheres e Violência” da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área da História, trabalhando a partir dos Estudos Culturais com temáticas que estão ligadas as sexualidades não-hegemônicas, a Cultura, a Violência e a imprensa/mídias digitais na contemporaneidade. Na área do Turismo, atua no campo dos Fundamentos Teóricos do Turismo, Patrimônio Histórico Artístico e Cultural.

Sobre a análise das obras fílmicas....

Ao utilizarmos qualquer fonte histórica e aqui no caso, uma produção fílmica e um jornal, é necessário levar em conta às estruturas técnicas e as práticas culturais que abarcam a sociedade na qual as produções estão inseridas. O papel do historiador nesse caso, é de reintegrar os objetos e perceber a sua historicidade. A intencionalidade que há nessas produções deve ser compreendida minimamente.

Porém, sempre que produzimos sobre algo, estamos criando representações de outras representações. Ou seja, sentidos de realidades são construídos sobre outros sentidos, o que faz com que possamos compreender determinadas produções por vários espectros, uma vez, que nem todos a veem da mesma maneira. Quando olhamos para uma produção, seja fílmica ou não, não vemos necessariamente a obra, mas, as nossas experiências, que é o que molda o nosso olhar.

Nesse sentido, no caso das obras fílmicas, há autores que acreditam que essas produções têm construído na contemporaneidade, apenas entretenimento e estetização da realidade (JAMENSON, 2004). As críticas em torno dessa ideia, está no fato, segundo Jamenson (2004) de que essas produções fílmicas se distanciam cada vez mais das realidades da sociedade, consumindo não abstração verbal, mas, imagem tangível. Tal crítica é reiterada por Jacques Rancière (2012) ao se referir a produção cinematográfica, por exemplo, como uma paralisação da imagem em movimento.

Para fazer tal crítica, Rancière analisa o cinema de Alfred Hitchcock em relação ao do russo Dziga Vertov², buscando apontar a transformação que as imagens sofreram no decorrer da história, tornando-se objeto de fascínio, paralisando as pessoas, transformando-as em apenas telespectadores. O filósofo aponta ainda para os encontros e distanciamentos do cinema com: a teoria, a arte e a política, bem como, para o fato de que para tais produções serem consideradas artes, antes, elas precisam ser compartilhadas, por aquilo que ele irá chamar de mundo compartilhado (RANCIÈRE, 2012).

Nesse sentido, a obra fílmica deve ser pensada a partir de dois movimentos, o desenrolar visual das imagens e o processo de exposição e de dissipação (RANCIÈRE, 2012). Na crítica a indústria hollywoodiana, a partir das produções do cineasta britânico Alfred Hitchcock, Rancière aponta que os finais de seus filmes não acompanhavam as narrativas, o que

2 Cineasta, documentarista, experimental e jornalista soviético, precursor do cinema direto, na sua versão de cinema verdade. Viveu de 1896 à 1954 na antiga União Soviética. Após o discurso em que Lenin considera o cinema como o principal meio de divulgação da nova ordem social que se instala na União Soviética, Vertov se põe à disposição do Kino Komittet de Moscou (1918) Todos os seus experimentos com as imagens colhidas do real são objeto de textos-manifestos em que ele declara seus princípios das relações entre olho/câmera/realidade/montagem. Imagens da União Soviética sob os mais diversos ângulos. Pretendia desvelar os segredos do cinema, da técnica e da linguagem cinematográfica. Usando, como Vertov, a máquina como uma extensão mecânica do olho, coisa autosuficiente, magnífica e imortal, deixa que ela vá à frente, explorando terreno. Ele limita-se a segui-la (RANCIÈRE, 2012).

tornava as expectativas desmentidas, produzindo um efeito diferente do que era esperado, revelando que não passava de ficção.

Esse afastamento da verdade, se distancia segundo Rancière (2012), daquilo que o cinema se propôs um dia, a exemplo daquilo produzido por Dziga Vertov nos inícios do século XX na Rússia. Vertov, filmava segundo o filósofo, a própria verdade e não se utilizava de maquinações, de conspirações ficcionais. No caso de Hitchcock, segundo Rancière (2012) o que aparece são os prestígios visuais da imagem em movimento a serviço de enredos construídos que suscita e frustra a expectativa de quem assiste. Mas o que isso nos interessa?

Nos interessa, que a produção do documentário *Lampião da Esquina* vai na contra-mão daquilo que Rancière (2012) acredita, de que as produções fílmicas estão arruinadas, que constituíram a balada contemplativa, que se afastaram do cinema-verdade de Dziga Vertov. A ideia de que o cinema morre ao virar objeto de fascinação, é que faz com que o documentário em questão apareça como uma produção periférica a essas, tidas como hegemônicas.

Assim, como não há manipulações em Vertov, não há no documentário *Lampião da Esquina*, a não ser aquela ligada a escolha das sequências das cenas e das falas. Mas, em tese, o que está sendo produzido e divulgado não se trata nenhum um pouco de contemplação, ao contrário, faz com que o telespectador além de conhecer a história do Brasil e do movimento LGBTQIA+, passe a indagar algumas questões sociais contemporâneas.

Devemos destacar, que nesse caso, a diretora do documentário *Lampião da Esquina*, cumpre essa função de direcionar a câmera, escolher a trilha sonora, as falas. Ela manipula, mas busca não alterar o sentido, tentando deixar com que as falas façam isso. Porém, esse sentido vai depender muito também de quem assistir o documentário. Pois, há pessoas que mesmo vendo algo sem essa maquinação fictícia, ainda pode tomar a obra como algo não real.

Assim como no cinema de Vertov, no documentário em questão, é possível observar que a diretora Livia Perez tenta deixar com que o olhar dos entrevistados guie as imagens, e não ao contrário. Tal produção, assim como outras que não estão sendo vendidas em bilheterias de cinema, rompe com a ideia de que as imagens em movimento se tornaram somente contemplação. O documentário *Lampião da Esquina* expõem como é possível assistirmos algo e pensarmos sobre nossas relações em sociedade. Ao mesmo tempo, perceber como outros grupos se relacionam.

O que se pode entender com essa discussão, é que as produções fílmicas se modificam com o tempo. Além disso, não significa que a ideia de que elas podem ajudar a mudar o mundo, tenha morrido com essas modificações. Exemplo disso, além do próprio documentário aqui destacado, são todas as outras produções que não fazem parte da hegemonia hollywoodiana, que buscam compromisso com a realidade e com tentativas de modificações de mundo.

A verdade não está só em Vertov, nem tão pouco o fascínio em Hitchcock. Ambos podem estar na mesma obra e não excluir realidades que são invisibilizadas por algumas

produções fílmicas, nem deixar de aguçar mudanças sociais, basta olharmos para as possibilidades de reflexões que se pode fazer a partir do documentário *Lampião da Esquina*. Nesse mesmo sentido, há algumas outras produções como *Um lugar para beijar* (2008)³, *Divinas Divas* (2017)⁴, *São Paulo em Hi-fi* (2016)⁵, *A volta da Paulicéia Desvairada* (2012)⁶.

Deste modo, por meio da análise do documentário *Lampião da Esquina* e do jornal, é possível construir um outro olhar para as produções fílmicas, bem como, para a própria imprensa voltada para o público LGBTQIA+, buscando entender como ela contribui para a construção de novas formas de ver e viver o mundo. Por fim, indagar a violência contra essa população, as ações do Estado e o papel do movimento LGBTQIA+ nessas relações.

“Isso é parte do Brasil. Com licença. Esquerda e direita aqui estamos” – Sobre a análise dos jornais gays.

Compreender o que leva um membro da população LGBTQIA+⁷ a ser assassinado a cada 23 horas no Brasil (GGB, 2022), mais do que importante, se faz necessário. Tal violência está ligada aos significados de abjeção aos corpos não heterocisnormativos. Isso significa dizer que regras e normas foram constituídas e para aqueles que não a seguirem, o caminho é a exclusão, se não física, social.

Alguns discursos contribuíram para a criação de ideias, de que alguns sujeitos devem ser eliminados. Um deles é o religioso, que ajudou a criar a ideia de ser pecaminoso, e por isso castigado, se não por Deus, por seus fiéis (aqui no caso as religiões de matriz hebraico-judaico-cristã). Um outro discurso, o médico, merece ser destacado, que na passagem

3 Produzido pela jornalista Neide Duarte e pela Secretaria de Saúde de São Paulo – Programa de Prevenção DST/Aids e aborda questões de homens que fazem sexo com homens e não se entendem como homossexuais, e como isso afeta suas relações, no caso, o não uso do preservativo, por exemplo. Além de experiências eróticas na cidade de São Paulo, relatada por alguns sujeitos.

4 Produzido por Leandra Leal, o documentário conta a história de ícones da primeira geração de artistas travestis do Brasil, a partir de relatos colhidos em meio a uma apresentação realizada em 2014, no próprio Rival. Rogéria, Jane Di Castro, Divina Valéria, Camille K, Eloína dos Leopardos, Fujika de Halliday, Marquesa e Brigitte de Búzios contam suas histórias de vida. O grupo não só lotou cinemas e teatros na região da Cinândia no Rio de Janeiro na década de 1970, mas, foi na contramão da moral e dos bons costumes daquele período.

5 Documentário que expõem a noite gay paulistana nas décadas de 1960, 1970 e 1980 – por meio de lembranças de sujeitos que as viveram, como João Silvério Trevisan, um dos fundadores do *Lampião da Esquina* e do Grupo Somos-SP no final da década de 1970. Abordando questões ligadas a ditadura militar e a proliferação do da aids. Dirigido por Lufe Steffen.

6 Também dirigido pelo cineasta Lufe Steffen, o filme é produzido a partir de filmagens em casas noturnas e festas gays de São Paulo. A ideia é perceber as espacialidades construídas, compreender porque gays e lésbicas saem à noite, que roupas usam, que expressões utilizam, quanto gastam, o que esperam do amor, do sexo, e mesmo da política e religião.

7 Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexos, assexuados e tudo aquilo que fuja da cishetenormatividade.

do século XVIII para o XIX, ao voltar seus estudos para o campo da psiquê, da retirada das questões da alma (religião) para o corpo (ciência), contribuiu para a ideia de que a homossexualidade (em um primeiro momento) não se tratava de um pecado, mas, sim de uma doença.

Esses sujeitos, foram e ainda são vistos sob esses estigmas, com o acréscimo de serem considerados pelo Estado e pela sociedade, como perversos, “doentes morais”, do qual devemos nos afastar, caso não consigamos excluí-los. Basta percebermos o exemplo de mulheres e homossexuais mandados para manicômios até a primeira metade do século XX no Brasil, com a justificativa de que não poderiam mais serem vistos como criminosos e sim, como doentes, sendo o tratamento a clínica/remédio.⁸

Nesse sentido, tais discursos se tornam justificativa para as práticas de violência contra a população LGBTQIA+ no Brasil. Além disso, eles contribuem para manutenção de normas e regras, de hábitos e costumes que devem prevalecer, ou seja, mantêm a cultura hegemônica (WILLIAMS, 1979). No caso das relações acerca do corpo e do desejo, prevalece a cisheteronormatividade, entendida como exercícios e regras sobre a sexualidade, baseadas na relação (biológica) binária masculino-feminino, ou seja, a cisgeneridade (o padrão) como a ser seguido. O masculino não deve se assemelhar em nenhum momento com o feminino e vice-versa.

Porém, mesmo com os pés na cultura hegemônica, é possível estar alternativo ou em oposição a ela, ou seja, há aqueles sujeitos dispostos a confrontar tal a cultura (WILLIAMS, 1979) e buscar formas de vivenciar cada vez menos as práticas construídas a partir dela, pois, elas acabam contribuindo para a manutenção da violência contra a população LGBTQIA+ e para a exclusão de tais discussões, tidas como menos importantes ou desnecessárias.

É a partir daí que entendemos a importância do jornal *Lampião da Esquina* nesse papel de uma cultura de oposição, pois, a partir dele é possível perceber a presença dessa cultura hegemônica em torno dos costumes, sobre os corpos e os desejos, construindo limitações para as sexualidades que estão fora/contra dela. Ao mesmo tempo, possibilita compreender a construção daquilo que iria se tornar o movimento de afirmação homossexual⁹, hoje, movimento LGBTQIA+, e ainda, como era tratada tais questões em um período marcado pelo regime militar no Brasil.

Para entender a importância do jornal, é preciso compreender minimamente o que levou a sua criação, além é claro da preocupação em torno da violência e do acesso aos direitos no país. A sua primeira publicação é de abril de 1978, período marcado pelo declínio da

8 Cf. ANGEL, Magaly. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder Pereira. (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*, p. 88-129. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

9 Primeiro nome usado para se referir ao movimento organizado em torno das questões ligadas as sexualidades/corpo/desejos/diretos.

ditadura militar no Brasil. Deve-se destacar, antes de focar no *Lampião*, de que há uma hierarquização histórica, que o coloca como primeiro periódico feito por e para homossexuais, por ter vendido de 14 a 25 mil exemplares por mês, ao menos em quatorze capitais do Brasil.

Entretanto, anterior ao *Lampião da Esquina*, é possível notar alguns periódicos voltado para o público homossexual, como o caso do *Snob*, fundado por Agildo Guimarães em 1963 e perpetuando até 1969 na cidade do Rio de Janeiro. Porém, circulavam em pequenos grupos e se voltavam para questões de sociabilidade, arte e moda, o que não os fazem menos importantes e políticos que o *Lampião*. Esses jornais chamados de alternativos, foram apresentados e reconhecidos pelo *Lampião da Esquina*, tanto os que tratavam de questões ligadas as homossexualidades, quanto de outros grupos como os negros e as mulheres.

Em maio de 1978, por exemplo, *Lampião* recebe a carta de Agildo Guimarães, agradecendo a oportunidade de lê-lo. O fato de ser mimeografado e para um pequeno grupo de pessoas, não exclui a importância para o período e para a cidade do Rio de Janeiro, nem para as questões voltadas para as homossexualidades em um momento marcado por um regime ditatorial no Brasil. Além disso, o *Snob* se torna influência para o *Lampião da Esquina*, como se observa em um dos conselhos editoriais do jornal: “Sabemos que se você não começasse com o *SNOB*, nunca chegaríamos a *Lampião*” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 14).

Segundo Rogério Costa, *O Snob* totalizou 100 edições, em que se incluem duas extras e uma especial. A distribuição, de início entre amigos, com o passar dos anos ganhou repercussão. “A única informação sobre sua circulação é encontrada no nº 8 de 1964, que registra a distribuição de 30 exemplares” (COSTA, 2010, p. 41). O autor ainda destaca, que “de produção doméstica, mimeografado em papel ofício, veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia [...] bem como o que lhe deu origem: relatos de festas e concursos” (COSTA, 2010, p. 41).

Assim, diferente do que pensava o próprio Agildo Guimarães, ao dizer que o *Snob* foi um “trabalho ingênuo”, não se pode deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive os seus recursos de impressão, bem como, o fato desses sujeitos lutarem contra o tratamento diferenciado que sofriam, marcando uma época, talvez ainda mais difícil do que aquela que estava inserida o *Lampião da Esquina* (COSTA, 2010).

Segundo Edward MacRae (1990), entre as décadas de 1960 e começo de 1970 chegaram a circular vinte e sete publicações gays no Brasil, exemplo, do *Fatos e Fofocas*, feitos à mão por Waldeiton Di Paula¹⁰, *Baby* (1980) também datilografado, e com uma tiragem de 50

10 Di Paula começou a fazer um jornalzinho satírico sobre os membros do seu grupo (1962). Era chamado *Fotos e Fofocas*, feito à mão (as “fotos” eram desenhos, e com a tiragem de um exemplar único). Nestes desenhos os membros do grupo eram transformados em mulheres “finíssimas” que eram vistas descendo de aviões intercontinentais, participando de coquetéis refinadíssimos ou simplesmente posando para a “câmara” de Di Paula. [...] *Fotos e Fofocas* duraram até 1967 quando então apareceu o *Zéfiro* que já era datilografado. Em 1970 apareceu o *Little Darling*, assim chamado em homenagem a um colega do Di Paula no curso de inglês. Este jornal era bastante diferente dos seus precursores, pois

fotocópias. O *Gente Gay* de 1976, que trazia reduções e reproduções de fatos por processo fotocopador e uma diagramação moderna. Amuar Farah teria deixado o *Snob* fundado por Agildo Guimarães para editar o *Le Fleme*.

Estes grupos foram responsáveis pela criação da Associação Brasileira de Imprensa Gay, presidida por Anuar Farah e a travesti Thula Morgani, com reuniões na redação de *O Estábulo* (Niterói) e com representantes da imprensa gay e existiu entre 1962 e 1964 (MICCOLIS, 1980, p. 4). Observa-se que esse “início” da luta homossexual no Brasil coincidem com a tentativa de organização de uma imprensa Gay no país.

Porém, a imprensa gay não deixava de sofrer a mesma exclusão/preconceito que os homossexuais, no sentido da intolerância e do tratamento diferenciado, como se não fosse capaz de produzir algo “contudente” por se tratar de questões ligadas à sexualidade e ao prazer, principalmente os jornais menores (em publicação, tempo e público), o que acabou por construir uma ideia que coloca o *Lampião da Esquina* como propulsor desse movimento e pioneiro da imprensa gay.

O que deve ser levado em consideração, é a capacidade que o periódico teve de se manter em circulação por um pouco mais de três anos e circular por várias cidades do Brasil. É notório que o enfoque é diferente, por exemplo, do *Snob*, e que o período no qual o jornal se constitui possibilita não somente o seu surgimento, como do próprio Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil, o que não diz também, que determinados sujeitos não estivessem se organizando ou indignados com a condição em que eram tratados.

Assim, não se nega a participação e importância do *Lampião da Esquina* para o surgimento do Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil, entretanto, não se deve excluir os caminhos e sujeitos que direta ou indiretamente contribuíram anteriormente para isso. Um exemplo desses discursos que ajudaram a construir a ideia de que o *Lampião da Esquina* é propulsor do Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil, pode ser vista na fala de Leila Miccolis colaboradora do *Lampião*.

Só em 1978, no entanto, se consolidaria em definitivo e de modo irreversível, a tentativa de organização Guei, com a fundação do jornal *Lampião* por homossexuais cariocas e paulistas. O saldo qualitativo era evidente: superava-se as meras amenidades para uma discussão séria da repressão ao homossexualismo, que passava a ser visto como uma das muitas “minorias” oprimidas. Essa mudança de enfoque trouxe uma consequência imediata: a formação dos primeiros movimentos organizados homossexuais no Brasil¹¹.

Quase de que forma imediatista, na leitura que se faz dessa importância do jornal, a

além das fofocas de turma, incluía crítica de teatro e de cinema, informes sobre os acontecimentos do “mundo gay” fora da Bahia e do Brasil e informes que Di Paula achava importantes, mesmo se não diretamente relacionados à homossexualidade. Cf. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 68.

11 Dois anos depois, o avanço já era tão grande que em abril de 1980, foi possível a realização do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (em SP). MICCOLIS, Leila. 28 de junho, um dia de Luta. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 4.

ideia é: bastou surgir o *Lampião*, para que Movimento se constituísse. Sabe-se que não é bem sim, uma vez, que já havia tentativas de criação de alguns grupos anteriores a fundação do jornal, por exemplo, o *Somos* em finais dos anos 1976 (que depois seria fundado em outubro de 1978). Ao mesmo tempo, se tem o exemplo do Grupo Gay da Bahia, fundado em 1980 e que já reunia algumas pessoas anterior a isso.

O que parece, é que o jornal ao possibilitar discussões que eram de interesse coletivo de determinadas pessoas, publicando matérias que tratavam da violência sofrida por esses sujeitos, sem um caráter preconceituoso, se colocando contrário a isso, deu a ele essa capacidade de unir em suas páginas outros grupos e questões que acabaram se dissipando e contribuindo diretamente para a formação de alguns grupos e para aquilo que viria a ser o Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil.

Assim, o jornal é construído a partir de uma reunião entre alguns artistas, jornalistas, intelectuais, todos homossexuais, que tinham como referência à revista *Gay Sunshine*, publicada em São Francisco – Califórnia e editada por Winston Leyland, que teve contato com o advogado e ativista João Antônio Mascarenhas, o único assinar a revista na América do Sul e responsável pela reunião¹².

O seu primeiro número tem o editorial intitulado “senhores do conselho”, e assinado por 11 pessoas: os jornalistas: Aguinaldo Silva, Adão Acosta, Clovis Marques, Antônio Chrysóstomo, Gasparino Damata; o advogado João Antônio Mascarenhas; o crítico de cinema Jean Claude Bernardet; o antropólogo Peter Fry; o artista plástico Darcy Penteado; o cineasta e escritor João Silvério Trevisan; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt.

O conselho editorial, se apresentava com aquele que iria confrontar as ideias construídas em torno das sexualidades, principalmente de que a orientação sexual pudesse interferir negativamente na atuação no mundo em que viviam. Diziam ainda, que pretendiam ir mais longe, “dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2).

Aqui duas questões devem ser destacadas para que não se cometa nenhum anacronismo. A primeira é a ideia de dar voz a determinados grupos, entende-se, que ninguém dá voz para ninguém, mas, sim visibiliza determinadas questões, cada um tem a sua voz. Porém, o sentido naquele período, é de poder expor os problemas que outros grupos discriminados pela sociedade também estavam passando.

A segunda, é a ideia de “minorias” assumida pelo *Lampião* naquele período, que estava ligada ao acesso a direitos básicos e não a quantidade de pessoas que eram excluídas, era o termo utilizado para tentar denominar, que era menor o acesso dessa multidão a esses direitos. Tal ideia é percebida em sua primeira edição, em uma reportagem sem autor intitulada

12 Cf. MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16505/1/LampiaoEsquinaHomossexualidade.pdf>. Acesso: 15/11/2022.

“Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 11).

Ao fazer uma crítica sobre o fato de até os animais terem direitos segundo a Declaração Universal da Organização das Nações Unidas – ONU, e os homossexuais não¹³, o jornal apontava que esses sujeitos tinham se tornado a mais exótica de todas as minorias, ou seja: “um grupo sobre o qual a sociedade repressiva mantém seus tacões, mesmo que ele não seja minoritário, como as mulheres, por exemplo) a ver levantada a bandeira da luta por seus direitos” (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 11).

Nessa conjuntura, o movimento organizado também irá se constituir, com a criação do *Somos, Grupo de Afirmação Homossexual*, em outubro de 1978, tendo um de seus fundadores João Silvério Trevisan, também editor do *Lampião*. “Esse grupo adquiriu grande importância e visibilidade do ponto de vista histórico, não só por ter sido o primeiro grupo brasileiro, mas por ter tido uma atuação importante ou por ter se constituído enquanto uma experiência marcante” (FACCHINI, 2005, p. 86). Segundo Sousa Neto:

O grupo estava determinado a proceder uma crítica profunda à sociedade patriarcal heteronormativa na qual estava inserido. [...] Em primeiro lugar, o grupo surgira no mesmo ano das eleições que colocariam no poder o último dos generais da Ditadura Militar instalada em 1964. Isso implicou, para seus participantes, engajarem-se ou não a outras lutas [...] o *Somos* fechava-se nas homossexualidades, compreendendo que esta seria a primeira “luta” do grupo: a liberdade da expressão sexual em suas várias faces (SOUSA NETO, 2011, p. 147).

O *Somos*, assim como o *Lampião*, encorajou diretamente ou não, o surgimento de outros grupos, uma vez, que o fato de ser composto por homens, as mulheres lésbicas também sentiram a necessidade de se organizarem para discutirem sobre sua sexualidade, a partir de suas experiências. Com o tempo, o movimento foi aumentando e se proliferando em várias “vertentes”.

Havia-se uma tentativa de uma abertura política lenta e gradual, porém, ela não alcançou necessariamente a população LGBTQIA+, pois essa, mesmo com o fim da ditadura continuou sendo violentada não só pela sociedade, como pelo próprio Estado, seja na negação de direitos por meio de políticas públicas¹⁴, seja por conta de discursos proliferados por seus representantes¹⁵.

Ao mesmo tempo, é possível notar a permanência dessa ideia de minoria, mas, não como aquela que não tem acesso a direitos, e sim como a que deve “aceitar” a repressão vinda da sociedade e do Estado brasileiro. Isso pode ser percebido, por exemplo, em um discurso gravado em vídeo e publicado na plataforma *YouTube*, durante um evento na Paraíba em fevereiro de 2017, em que o até então candidato à presidência Jair Bolsonaro, diante de seus apoiadores, afirmava: “somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (CARTA CAPITAL, 2018).

O que se percebe hoje, não é muito diferente do que se via em épocas de *Lampião da Esquina*. O periódico expôs constantemente críticas a como as questões que envolviam o corpo e os desejos, principalmente aqueles não ligados as práticas cisheteronormativas, eram excluídas do debate político, tanto pela direita, quanto pela esquerda. Para uma, era vista como uma ameaça a moral e aos bons costumes, para outra, como um resquício burguês, que em alguns casos, chegou a levar homossexuais para campos de concentração, a exemplo de Cuba e Rússia¹⁶.

As discussões em torno de como a homossexualidade era vista pela esquerda naquela época, também foi pauta do movimento (e ainda é). Destaca João Silvério Trevisan (1978, p. 9), que na semana de Convergência Socialista, em São Paulo, a palavra homossexual só foi pronunciada uma única vez e o presidente da mesa apenas a sussurrou, quase engasgando como se estivesse falando um palavrão.

Trevisan criticava a exclusão das discussões em torno do corpo e dos desejos por parte do movimento dos trabalhadores, que reclamavam que intelectuais e patrões os tratavam da mesma maneira sempre, como máquinas que vendem sua força de trabalho, e indagava, "e o direito ao orgasmo, quando será reivindicado para a classe operária? Não é a energia sexual, conforme canalizada pelos padrões repressores da sociedade um dos pilares do poder constituído?" (TREVISAN, 1978, p. 2).

Ao mesmo tempo, tais questões perpassavam o próprio movimento de afirmação homossexual que se constituía ali. Eduardo Dantas, trouxe o exemplo da discussão que ocorreu em um encontro "das minorias" na Universidade de São Paulo, no dia 8 de fevereiro e de 1979, que tinha o intuito de "apregoar que a felicidade também deve ser ampla e irrestrita" e que "as 'minorias' não estão mais a fim de continuar sendo o último vagão desse enorme comboio denominado 'luta maior'" (DANTAS, 1979, p. 9).

16 Em 1971, homossexuais foram proibidos de ocupar cargos públicos; a sodomia constou no Código Penal Cubano até 1979, e beijos homossexuais eram punidos com cadeia por atentado ao pudor até 1997. O mesmo aconteceu na União Soviética. Entre 1934 e 1992, mais de 50 mil homossexuais foram condenados com base no art. 121 do Código Penal Soviético, em que ser gay era crime punido com trabalhos forçados até 1992. Cf. DE LLANO, Pablo. Cuba reforma constituição para reverter décadas de homofobia. *El País*, 24 de julho de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/22/internacional/1532287928_730414.html; O'GRADY, Siobhán. Cuba cancela marcha LGBT em Havana e dá aviso a quem ousar contrariar. *Gazeta do povo*, 12 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/cuba-cancela-marcha-lgbt-em-havana-e-da-aviso-a-quem-ousar-contrariar/>; EGOROV, Boris. Como era ser gay na União Soviética? *Russia Beyond*, 12 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/81723-como-era-ser-gay-urss>.

Lampião da Esquina, n.10, março de 1979.

Tal reportagem ajuda a compreender como o movimento que ali estava se formando se via e se posicionada nessa relação entre “luta maior” e “luta menor”, entre direita e esquerda. Cerca de 300 pessoas debateram por 3 horas, compondo a mesa: João Silvério Trevisan e Darcy Penteado, representando o *Lampião*; três integrantes do grupo *Somos*, e o poeta Roberto Piva. Desse encontro, é importante frisar a fala de um dos participantes, sobre a tentativa de enquadrar o movimento em uma ótica da esquerda:

Eu vou dizer agora o que metade desse auditório está sequiosa para ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro, **não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão** conscientes de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da felicidade e por isso é claro que nós vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda (DANTAS, 1979, p. 9).

O encontro foi destacado pelo jornal como um momento importante para a história do movimento, e de certa forma, é. Segundo João Silvério Trevisan, pela primeira vez no Brasil as “lésbicas e as bichas tomaram seu espaço e vomitaram coisas há muito engasgadas; o prazer, por exemplo, foi reivindicado entre os direitos da pessoa humana, com alusões concretas inclusive ao prazer anal corno direito de cada um sobre o próprio corpo” (TREVISAN, 1979, p. 10). Foi possível ainda, que esses grupos discriminados apresentassem seus pontos de vista, recusando-se a aceitar sua luta “como ‘secundária’ diluída na falsa imposição de uma ‘luta maior’” (TREVISAN, 1979, p. 10).

A crítica a essa ideia de maioria e minoria, perpassou as páginas do jornal até seus últimos dias, sempre destacando que as relações são constituídas de individualidades e que a contribuição desses grupos para uma transformação social, era justamente essa “afirmação das especificidades individuais e grupais, contra todas as tentativas de mascarar e negar as diferenças” (TREVISAN, 1979, p. 10).

E ainda, se o movimento dos trabalhadores, por exemplo, excluía tal discussão, deveria então, acrescentar a ele novos instrumentos de análise, sobretudo na questão da sexualidade. Desta forma, afirmavam e defendiam que a luta dos grupos discriminados era uma luta

da maioria, pois, as especificidades pertenciam **à maioria**.

Além das críticas a essa relação direita X esquerda, “luta maior” X “luta menor”, não faltou reportagens que tratassem da violência sofrida por uma parcela da sociedade, que ali se destinavam como minorias. O jornal publicou casos de assassinatos, de violência de Estado, de preconceitos e exclusões sociais que se direcionavam tanto para homossexuais, lésbicas e travestis, quanto para os negros e índios, por exemplo.

Lampião da Esquina, n. 13, junho de 1979



Um desses casos de violência, pode ser percebido na edição de número 13, de junho de 1979. Tratava-se da morte de Vânia da Silva Batista, na qual a principal suspeita seria a sua companheira, Ninuccia Bianchi, uma secretária de 29 anos. O caso que seria julgado em maio de 1979, no IV Tribunal do Júri no Rio, era noticiado pela imprensa da época como “processo de Nino, o italianinho”, Nino é Ninuccia.

O *Lampião da Esquina*, por meio de uma reportagem escrita por Aguinaldo Silva, criticava o fato de que não era possível considerar uma pessoa suspeita de homicídio apenas por sua orientação sexual. Ela até poderia ser culpada – embora, o seu advogado dissesse não existir nada que a incriminasse. O que não deveria ser feito, era condená-la a partir da única prova que a Justiça tinha contra ela, o fato de dela ser lésbica. (SILVA, 1979, p. 8). A tentativa dessa relação não deu certo e Ninuccia foi inocentada em 26 de junho de 1980, por cinco votos contra dois. Porém, não impediu o tratamento preconceituoso da mídia da época, com matérias intituladas, por exemplo, “absolvido o amor entre mulheres” (MICCOLIS, 1980, p. 6).

Destaca-se, também, como *Lampião da Esquina* cumpriu uma função que vai além de informar, atuando como uma ferramenta que confrontava as normas impostas para o exercício da sexualidade e a violência sofrida por aqueles que vivenciavam seus desejos e afetos fora da cisheteronormatividade. Nesse sentido, é importante compreender o jornal como um espaço de produção de relações.

Antônio Candido (2011), destaca a necessidade, de ao analisar uma produção, levar em conta “texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. O que é produzido importa, mas, não pode estar desassociado ao externo. Aqui o “externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2011, p. 14).

Assim, uma obra não morre com o ponto final ou deixando de ser publicada, pelo contrário, ela se mantém, seja na memória dos sujeitos e em suas relações, seja como objeto de estudo, por exemplo. O *Lampião da Esquina*, não cumpriu uma função somente enquanto esteve circulando, expôs também, como é possível atuar em meio a cultura hegemônica. Ao mesmo tempo, contribuiu para compreendermos, ao fazer esse recuo ao passado, como tais práticas de violência e discussões ainda permanecem nos dias de hoje.

“Muita mais à esquerda do que os jornais de esquerda” – O documentário

A fala que abre esse subcapítulo, dita por Livia Perez¹⁷, diretora do documentário *Lampião da Esquina* (2016), expõem um pouco da maneira como, não só a diretora percebe o lugar do periódico, mas, como os próprios editores se percebiam. Aquilo que se perguntavam ao criarem o *Lampião*: “Por que nós não fazemos um jornal com um ponto de vista homossexual, sobre questões diversas e sobretudo sobre a homossexualidade?”. É a pergunta que se fez a diretora ao pensar a produção do documentário, por que não expor o que representou/representa o jornal *Lampião da Esquina*?

O documentário recebe o nome do jornal, tem duração de 85 minutos e é produzido pela *Doctela*, sob a direção de Livia Perez. Coproduzido pelo *Canal Brasil*, tendo o apoio da *Rio Film Commission*, *DOTCINE*, *Termas for Friends*, *Cantina Piolim*. Com realização do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e ProAC. Foram entrevistados e aparecem no documentário: Aguinaldo Silva, Ney Matogrosso, João Silvério Trevisan, Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Glaucio Mattoso, Celso Curi, Laerte Coutinho, Antônio Carlos Moreira, Peter Fry, João Carlos Rodrigues, Alceste Pinheiro, Winston Leyland, Dolores Rodrigues, Leci Brandão e Edy Star. A obra traça a trajetória do *Lampião* além de tentar perceber a conjuntura na qual ele estava inserido e o papel que ele ocupava.

17 Produtora cinematográfica. Doutora em Meios e Processos Audiovisuais na ECAUSP, mestra em Mídias pela Unicamp e graduada em Comunicação Social – habilitação em Midialogia pela mesma instituição

O documentário ganhou alguns prêmios e teve repercussão nas mídias ligadas ao cinema e as causas LGBTQIA+, bem como, em festivais e mostras. Destaca-se, melhor edição no 11º FOR RAINBOW – Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual (2017). Menção honrosa na Competitiva Brasil - 24º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade (2016). Houve ainda seleção oficial nesses eventos citados e em mais dois, no Rio Festival de Gênero e Sexualidade no Cinema (2017) e *É Tudo Verdade* – Festival Internacional de Documentários (São Paulo/SP) (2016).

Na mídia, teve sua estreia no seu coprodutor Canal Brasil no dia 20 março de 2017. O canal também foi responsável em expor os prêmios que a produção recebeu e algumas entrevistas com a diretora, que também foram publicadas na *Revista Fórum*¹⁸, *Cine Resenhas*¹⁹, *Disco Punisher*²⁰. Foi mencionado no jornal *Folha de São Paulo*²¹ e no programa *Metrópoles* da TV Cultura²². Ao mesmo tempo, questões que envolviam o período de lançamento do documentário, eram associadas pela mídia ao período do jornal, como o caso da entrevista de Luís Inácio Lula da Silva para o *Lampião*, na qual, ao ser questionado sobre a homossexualidade e o movimento operário, respondeu não acreditar que havia homossexuais no movimento²³.

Essas questões entre o movimento gay e a luta de classes/movimento dos trabalhadores era constantemente exposta e discutida nas páginas do jornal, sendo também fator de desavenças entre os editores, no qual, alguns acreditavam ser necessário esse diálogo com outros movimentos e com os partidos políticos, e outros, que acreditavam que esses movimentos e partidos somente excluíam os homossexuais, ou os colocavam como resquícios da burguesia ou afronta a moral e aos bons costumes.

Entende-se, também, que as causas trabalhistas buscavam direitos para os trabalhadores, mas, não estavam preocupadas com as causas ligadas ao corpo, ao desejo e ao prazer, e não apenas por não produzir lucro, mas, também pelo fato de reproduzirem o pensamento que ali pairava. É possível assim, observar como esses movimentos tinham uma ideia e assim agiam, de que as suas lutas eram maiores, em contraposição a uma luta menor (de homossexuais, mulheres, negros, índios, etc.)

18 Cf. Entrevista com Livia Perez, diretora de “Lampião da Esquina”, documentário sobre o primeiro jornal LGBT do Brasil. *Revista Forum*, 30/01/2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/temas/livia-perez-19606.html>.

19 Entrevista com Livia Perez, diretora de “Lampião da Esquina” *Cine Resenhas*, 18/11/2016. Disponível em: <http://cineresenhas.com.br/2016/11/18/entrevista-com-livia-perez-diretora-de-lampiao-da-esquina/>.

20 ‘Sou Feminista e acredito que toda mulher seja, ainda que não tenha se dado conta’. – Livia Perez (diretora e documentarista). *Disco Punisher*, 16/08/2016. Disponível em: <https://discopunisher.wordpress.com/2016/08/16/sou-feminista-e-acredito-que-toda-mulher-seja-ainda-que-nao-tenha-se-dado-conta-livia-perez-diretora-e-documentarista/>.

21 PESSOA, Gabriela Sá. Editado por Aguinaldo Silva, jornal gay ‘Lampião da Esquina’ ganha filme. *Folha de São Paulo*. 18/08/2016. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1804347-editado-por-aguinaldo-silva-jornal-gay-lampiao-da-esquina-ganha-filme.shtml>.

22 In: https://www.youtube.com/watch?v=j4_ArQ7GJMk.

23 ALÔ, alô, classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, n. 14, julho de 1979, p. 9.

Essa falta de preocupação ou exclusão desses sujeitos e das discussões em seu em torno, pode ser observada também na entrevista dada ao jornal *Lampião da Esquina*, pelo presidente, na época do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema no estado de São Paulo, Luís Inácio da Silva, o Lula²⁴ (essa entrevista é citada no documentário).

Lula destacou que a abertura viria “quando o povo quiser”. Que a *democracia* “é o que falta na nossa terra”. Que o feminismo, “acho que é coisa de quem não tem o que fazer”. E que a violência policial estava atrelada – “acho que é pelos baixos salários dos policiais e por sua má formação”. A entrevista nos mostra, além do que foi destacado, a maneira como esses movimentos viam as questões ligadas a sexualidade, bem como, o desconhecimento, desinteresse e preconceito, do movimento operário, representado aqui por Lula, em relação aos movimentos que não estão diretamente ligados ao trabalho.

A mídia destacou, ainda em relação ao conteúdo do documentário, de que o jornal *Lampião da Esquina* teria surgido em um período repressivo mesmo a ditadura dando sinais de que estava acabando²⁵. Importante destacar, que os editores do jornal se posicionavam sempre dizendo não pertencerem a nenhuma ideologia partidária, porém, é possível perceber que não faltaria apoio aqueles que lutassem por questões parecidas com aquelas que motivaram a sua criação.

Nas palavras de seu editor chefe, Aguinaldo Silva, foi publicado uma matéria sobre um ‘candidato das minorias’: “existe, sim, um candidato a deputado [...] ele se chama Baiardo de Andrade Lima, é do partido da oposição, e disputa o eleitorado pernambucano com uma plataforma na qual existem itens como a legalização do aborto e a defesa dos homossexuais”. (SILVA, 1978, p. 4).

Tal apoio exposto pelo jornal, contribui também para a compreensão de como se comportavam os partidos políticos naquele período em relação as questões ligadas aos corpos, sexualidades, desejos e a violência sofrida pela população LGBTQIA+. O que nos leva a pensar também o papel dos partidos políticos nos dias de hoje, buscando entender, que lugar tais questões ocupam em suas propostas²⁶.

24 Em 1978 liderou os trabalhadores da indústria automobilística no ABC, cinturão industrial de São Paulo, entrando em greve, na primeira mobilização operária significativa desde a repressão das greves de Osasco e Contagem, em 1968, e, que anos depois fizeram greve, estabelecendo uma das maiores ondas de greve na história do Brasil, afetando cerca de três milhões de operários. Cf. SKIDMORE, Thomas E. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (Org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 25-81, p. 51.

25 Documentário conta a história do *Lampião*, um jornal homossexual ‘subversivo’ nascido em plena ditadura – *Hypeness*. 15/04/2016. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/04/documentario-conta-a-historia-do-lampiao-um-jornal-homossexual-subversivo-nascido-em-plena-ditadura/>.

26 Cf. SANTOS, Luiz Felipe Souza. *História do movimento LGBT brasileiro: interpretações sobre as dinâmicas da interação entre o movimento social e o estado*. Monografia (Curso de Administração Pública) da Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/39422>. Acesso: 18/07/2022. O autor apontou uma desproporção quanto ao acolhimento e a efetivação das demandas por parte do Poder Legislativo, se comparada com o Poder Executivo, e em certa medida, com o Poder Judiciário em relação as demandas do Movimento LGBTQIA+.

Outro fator a ser destacado em relação a maneira como foi recebido o documentário, está ligada a exposição de como as ideias dentro do próprio movimento, também sofrem conflitos. A diretora optou em intercalar os depoimentos, porém, por meio de uma história linear, com utilização de alguns materiais do período, como imagens e vídeos, tendo a MPB como trilha sonora.

Alguns casos são destacados no documentário, como histórias da presença de Freddie Mercury na Galeria Alaska, estabelecimento frequentado por gays do Rio de Janeiro, festas patrocinadas pelo jornal na qual havia a presença das Dzi Croquetes, bem como, o processo recebido pelo jornalista Celso Curi em sua coluna na *Folha de São Paulo* e desavenças ligadas ao machismo e homofobia do jornal *Pasquim*.

É apresentado também, algumas falas de pessoas que não faziam parte do *Lampião*, nem do movimento, expondo seus pensamentos homofóbicos. Destaca também a influência do editor e escritor da revista *Gay Sunshine*, Winston Leyland, uma das primeiras revistas norte-americanas voltada para o público LGBTQIA+. Algumas falas sobre a dificuldade de produção do jornal e de fazer com que ele fosse vendido nas bancas são expostas por Aguiinaldo Silva, que já havia passado por algumas redações.

As falas também dialogam com a apresentação de algumas reportagens do jornal, que perpassavam questões que iam desde o aborto e legalização das drogas, até masturbação e violência contra a população LGBTQIA+. Pessoas que hoje ocupam ainda as discussões em torno das questões que eram discutidas pelo jornal, também aparecem no documentário, contando suas experiências com tal leituras, como, o caso da cartunista Laerte Coutinho e do cantor Ney Matogrosso, que destacou: “oficializava-se uma coisa que se vivia, mas que não se falava”.

O “mundo em volta” do *Lampião da Esquina* também é destaque no documentário, extrapolando as páginas, é possível compreender também como a população LGBTQIA+ estava se posicionando em relação não só ao campo político, mas, em relação a construção de espacialidades próprias. Na obra, o cantor Edy Star destaca algumas experiências em boates e shows que aconteciam nas capitais do país.

Sobre o movimento, bem como, a relação entre os editores do jornal, João Carlos Rodrigues – um dos colaboradores – aponta em tom humorado, que “tinha aqueles que queriam fazer a Serra Maestra gay, entendeu? E tinha os que queriam fazer strip-tease com lantejoula”. A fala de Rodrigues vai ao encontro do que foi exposto por João Silvério Trevisan, ao se referir ao movimento e as discussões: “porra, isso é um grupo de liberação homossexual, quando é que a gente vai trepar?”. Tais falas ajudam a compreender a dinâmica e as contradições do próprio movimento.

É importante frisar, que o papel que o movimento de afirmação homossexual da época passa a ocupar é duplo, que é resistir moralmente e politicamente, mas, o que isso significa? Significa, que era preciso sobreviver e manter suas ideias em meio a uma sociedade

Para isso realizou uma investigação das proposições apresentadas pelos parlamentares entre os anos de 1988 e de 2016.

extremamente preconceituosa, fazer com que elas não fossem desvalorizadas nem estigmatizadas.

Ao mesmo tempo, que era preciso, no campo político partidário, fazer com que tais discussões e busca por direitos não fossem vistas e tratadas de maneira maniqueístas, como luta menor X luta maior, ou, para esquerda resquício da burguesia, para a direita afronta a moral. Interessante destacar, que essas discussões ainda perpetuam pelo Movimento LGBTQIA+ brasileiro e foi responsável, por exemplo, por atritos entre os editores do *Lampião da Esquina* que levaram, com outros fatores, ao seu fim.

O pensamento de João Silvério Trevisan em relação ao editor chefe do jornal, Aguinaldo Silva, pode ser um exemplo para perceber como essas discussões ainda são tensões dentro do movimento. Em suas últimas publicações era possível perceber algumas falas mais pessoais e direcionadas, como segue abaixo:

Acho que, bem ou mal, andei tendo um caso com aquilo que se poderia chamar (sob pena de exagero) de Movimento Homossexual, no Brasil. Desde que voltei para cá, em 1976, eu andava tentando criar um grupo de discussão e confraternização por me achar extremamente isolado. Como vinha tecendo severas críticas ao autoritarismo machismo das esquerdas, sofria represálias do tipo ter meus artigos censurados em órgãos da imprensa alternativa, e era colocado no ostracismo sob acusação (velada ou não) de "desvios pequeno-burgueses". [... Minha longa história de escaldamentos me levava fundamentalmente a acreditar que a transformação e uma instância mais necessitada de humildade do que se diz. Por exemplo, descobri que ela começava na minha cozinha e no meu rabo - periferias do poder. [...] Aliás, na minha peregrinação pelo continente americano, eu aprendera que "o primeiro ato revolucionário é sobreviver". A sobrevivência do indivíduo contra as máquinas que o enquadram, por todos os lados (TREVISAN, 1981, p. 16).

Ainda em seu livro *Devassos no Paraíso* (2000, p. 362), Trevisan destacou que o poder editorial do jornal estava na mão de uma ou de duas pessoas (Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt) e que eles que decidiam o que seria publicado ou não. Dizia ainda, que o jornal começou a ficar parecido aqueles sensacionalistas, por tratar das travestis em suas páginas de maneira caricata. Houve ainda, segundo ele, um rompimento com as políticas no que diz respeito aos movimentos homossexuais e às homossexualidades.

Alguns outros fatores também contribuíram para o fim do *Lampião da Esquina*, como o início da abertura política, o fato de a grande imprensa passar a publicar o que antes não publicava e o mercado que se construía em torno das homossexualidades. Porém, as tensões internas foram primordiais. É possível perceber que os pensamentos eram diferentes, mas, que também eram vistos como menos importantes ou sem função. Um pouco da escrita "pesada" – termo usado por alguns leitores – de Trevisan, também lhe rendia críticas. Um leitor do jornal cobrava²⁷:

27 Não é possível saber se as cartas eram escritas pelos próprios editores do jornal (o que já foi afirmado por eles) ou realmente por leitores.

[Queremos] Uma imprensa mais atualizada e não este jornal para ler na cama... de quem tem tempo e não nós: domésticas, serventes, garçons, cozinheiras de madame e mais e mais. Tá certo que cuidem do lado de vocês bem nascidas, instruídas, porém sem esquecer de nós que também compramos o jornal para pagar os gastos com estas reportagens quilométricas. Parem e pensem (FERREIRINHA, 1981, p. 2)

O que deve ser destacado, é que as críticas ao movimento, vindo dos editores do *Lampião*, tido naquele período como um propulsor – pelo menos pelos seus fundadores e por uma historiografia recente – desse processo de organização que ali estava se constituindo, possibilitou uma tensão maior sobre o papel que aqueles grupos ocupavam em relação a sociedade e a repressão da época, levando a sua desconfiança e ao seu fragmento, quase desaparecendo posteriormente com a chegada da Aids no Brasil na década de 1980.

Importante pensar, como o *Lampião da Esquina* também foi um dos responsáveis, de certa forma, pelo fim do *Grupo Somos*, quase dois anos depois de sua fundação, talvez devido a sua “dupla militância” ou essa crítica/ataque a esquerda da época e aos movimentos que excluem as questões ligadas as sexualidades e ao corpo, por exemplo. As manchetes e artigos publicados “serviram para divulgar pelo país inteiro uma grande desconfiança a respeito de qualquer política homossexual. Seu papel no processo de desintegração do movimento homossexual não deixou de ser considerável (MACRAE, 1990, p. 88).

João Silvério Trevisan destaca também o caminho que levou o *Grupo Somos* ao fim:

Os últimos ecos que colhi do *Somos* dão uma ideia de como ele perdera, definitivamente, sua relevância. Com a chegada oficial da Aids ao Brasil, nos primeiros meses de 1983 [...] Queríamos formar esforços de antigos e atuais ativistas para estabelecer uma estratégia mínima frente à doença ainda desconhecida mas fatal, e suas repercussões sociais. Num claro sintoma de enrijecimento burocrático, um porta voz remanescente do *Somos* respondeu que o grupo não estava em condições de se preocupar com outras questões que não relacionadas com sua reestruturação interna. Mesmo porque, emendou ele, essa era uma doença de bicha burguesa, com dinheiro para ir às saunas de Nova York, distante da barra pesada das bichas da periferia. Essa jóia de (recém inaugurado) populismo guei parece ter sido o canto do cisne do *Somos*, do qual nunca mais tive notícias (GOLIM & WEILLER, 2002, p. 360).

Por esse, entre outros motivos, como os calorosos debates internos, a exemplo daquele sobre a participação ou não da esquerda partidária, indivíduo versus grupo, autonomia, etc., o grupo acabaria por se dissolver. Sousa Neto afirma que:

A esquerda brasileira do período tinha ideias bastante claras – assim como os homossexuais do *Somos* – sobre o nefasto que era a Ditadura; porém, havia discordância quanto às formas de lutar contra ela. Por outro lado, a possibilidade de atrelamento do grupo a algum dos agrupamentos de esquerda, como era o caso da Convergência Socialista que começava a instalar-se no interior do *Somos*, causava grande incomodo em significativa parcela de seus integrantes. As disputas giravam em torno da díade autonomia/atrelamento (SOUSA NETO, 2011, p. 148).

O fato de ter sido fundado por intelectuais de classe média, faz com que o *Lampião da Esquina* fosse visto por alguns, como uma simples *coluna burguesa*, direcionada apenas para as pessoas “capazes de absorver suas informações”. Se a escrita era demasiada complicada, ou os artigos e as discussões pudessem não trazer clareza para alguns, isso não apaga a função que o periódico assumiu e apresentou enquanto imprensa alternativa. Porém, como já destacado, se colocou como propulsor de um movimento, o que parece que não é possível ser construído sozinho, nem da noite para o dia. Aguinaldo Silva destacava:

Exatamente como nós, aqui de casa: o *Lampião* - não esqueçam jamais, queridinhas – foi o primeiro grupo de ativistas homossexuais surgido no Brasil; foi o primeiro a se propor uma tarefa concreta - a publicação de um jornal específico - e a cumpri-la integralmente. Assim, nós não vamos, em nenhum momento, renunciar à nossa condição de ativistas; quanto mais não fosse, porque não ficamos apenas na teoria, mas nos entregamos fisicamente às nossas tarefas; quem duvidar que leia com atenção as matérias do número anterior sobre prostituição masculina, ou deste número, em que falamos de masturbação.²⁸

Mais uma vez, não se deixa de considerar o papel político que o jornal ocupou em um momento marcado por um regime militar e uma extrema violência no campo dos costumes. Assim, a obra cumpre a função não só de traçar a história ou homenagear aquilo que foi produzido pelo jornal, mas, de ajudar na compreensão da conjuntura na qual o *Lampião* estava inserido, para que assim, possamos entender também o lugar da mídia, do movimento LGBTQIA+ e do Estado no Brasil dos dias de hoje. Discutir sobre tais questões a partir do documentário e do periódico, só expõem como o *Lampião da Esquina* ainda pode ser uma ferramenta de reflexão nas discussões em torno das sexualidades, do corpo, dos desejos e da violência, bem como, para refletir o papel do movimento LGBTQIA+ no país.

“O *Lampião* não deu filhotes, talvez por ser homossexual”

Compreender o lugar que determinadas produções – que posteriormente se tornam objetos e fontes de análise – ocupam nas relações humanas, ainda mais no campo da História, é entender que como documento, ela é marcada por um tempo e por práticas culturais que produzem resquícios de um passado e sugestões de realidades, ou aquilo que Roger Chartier chamou de representações (CHARTIER, 1990).

Nesse sentido, o jornal *Lampião da Esquina* não “deu filhotes” por alguns motivos. O primeiro, como já destacado, é o preconceito em torno da chamada imprensa homossexual, que ao olhar da sociedade brasileira (pelo menos no que tange a cultura cisheteronormativa), nada tem a oferecer a não ser uma ameaça a moral e aos bons costumes.

O segundo, também já discutido, é o fato de a abertura política possibilitar aquilo que

28 SILVA, Aguinaldo. *Lampiônicos: ativistas, astronautas?* *Lampião da Esquina*, n. 31, dezembro de 1980, p. 12.

era discutido no *Lampião*, passar a fazer de outras publicações, mesmo que talvez com um outro sentido, não era mais apenas ele o responsável por tais discussões. Como afirmou João Antônio Mascarenhas em entrevista concedida a Claudio Roberto Silva: “[...] com a ‘abertura’ [...] Houve mais liberdade... o que era publicado pelos alternativos significava metade do que os outros diziam. Aparecem também as revistas com nus e com outras questões mais abertas. O *Lampião* perdeu a função” (SILVA, 1998, p. 282).

Além disso, a demora para que uma imprensa gay se constituísse novamente no Brasil, está ligada a epidemia na Aids no início dos anos 1980, que contribuiu para desmobilizar o próprio Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil, por medo do novo, das notícias de homossexuais morrendo etc. Para se ter noção dessa lacuna, do laço temporal pós *Lampião da Esquina*, somente treze anos depois surgiria uma revista a nível nacional voltada para homossexuais, que seria a *Suy Generis* em 1994, identificada sobretudo com o modelo norte-americano, pautada por um estilo de vida comum”. (MONTEIRO, 2000, p. 43).

Posteriormente a *Suy Generis*, seria lançado a revista *G Magazine* em 1997 e a revista *Junior*, em 2007. Todas elas iriam surgir ainda sobre ares do estigma da Aids em relação aos homossexuais, daí a necessidade de desmistificação dela como uma “peste gay”. Mesmo que focada para o consumo e para o erotismo e uma certa homogeneização dos corpos, cada vez mais parecidos com a cisheteronormatividade, branca, rica e machista, que exclui a feminilidade, essas revistas deram visibilidade a um grupo de pessoas que alguns achavam ter morrido com a Aids. Mas não só isso, mostrou outras relações e possibilidades de se fazer uma imprensa gay, mesmo que totalmente diferente do *Lampião*.

Deve-se levar em consideração também, que um grupo que se formou dois anos após o *Lampião da Esquina*, em 1980, ainda se mantém atuante no movimento LGBTQIA+ e na imprensa de certo modo, se tomarmos seus boletins. Trata-se do Grupo Gay da Bahia, que todo ano publica os números e casos dos assassinatos contra a população LGBTQIA+ no Brasil.

Entende-se, portanto, que o documentário não é um “filhote do jornal”, uma vez, que é uma representação do periódico, uma obra fílmica, e não um jornal impresso escrito por e para homossexuais com as intenções que o *Lampião* tinha nos finais da década de 1970. Porém, deve-se destacar que o documentário mantém a discussão necessária a respeito das sexualidades não-hegemônicas, a memória dos sujeitos que viveram aquela época e que experienciaram (alguns ainda experienciam) a repressão da sociedade e a vivência de desejos e afetos na contramão da cisheteronormatividade.

Deste modo, o *Lampião da Esquina* tem seu direito de memória, deve ter a sua história contada, rebuscada, justamente por ainda trazer questões que fazem parte do cotidiano do Movimento LGBTQIA+ no Brasil, assim como, de práticas de exclusão por parte da sociedade e do Estado, seja no discurso ou na exclusão de direitos. Embora, deve-se pensar ainda, que nessa construção historiográfica sobre e a partir do *Lampião da Esquina*, esse tomo histórico, quase que como um patrimônio do surgimento do Movimento Gay no Brasil²⁹, ex-

29 Nome usado no período. Como também, Movimento de Afirmação Homossexual.

clui o jornal *Snob*, justamente por percebê-lo não como uma imprensa política, séria, como se enxergava o *Lampião*.

Entende-se então, que o jornal é uma ferramenta histórica que possibilita um retorno ao passado recente do Brasil, para o entendimento de algumas questões que nos interessam agora no contemporâneo, como: a formação do Movimento de Afirmação Homossexual no Brasil, da própria imprensa gay, bem como, da conjuntura na qual estava inserido, tanto no que tange a violência, quanto as práticas culturais e as relações ligadas ao desejo e ao afeto. Ao mesmo tempo, é possível perceber no jornal, questões que são presentes no movimento LGBTQIA+ ainda hoje.

Assim, tudo o que foi produzido a respeito ou a partir do *Lampião da Esquina*, acaba por mantê-lo vivo, por meio das memórias que são constituídas a partir dessas produções, bem como, as discussões e os sujeitos LGBTQIA+. Sendo possível assim, também construir uma história das diferenças, sem as lentes que as veem como fator para exclusão ou um olhar menos interessado, por se tratar daquilo que alguns historiadores pejorativamente chamaram de perfumaria.

REFERÊNCIAS

BOLSONARO em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**, 29 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso: 08/07/2022.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP. **Lampião da Esquina**, n. 10, março, 1979, p. 9.

FABRIS, Annateresa. Redefinindo o Conceito de Imagem. **Revista brasileira de história**, n. 18,

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERREIRINHA de Aracajú. De assunto só. **Lampião da Esquina**, n. 32, janeiro de 1981.

- GOLIM, Célio e WEILER, Luís (org.). **Homossexualidade, cultura e política** / – Porto Alegre. Sulina, 2002.
- GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Relatório 2021. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>> Acesso: 26/07/2022.
- GUIMARÃES, Agildo. Um abraço do “Gente Gay”. **Lampião da Esquina**, n. 1, maio de 1978, p. 14.
- JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. **Conselho editorial**. Edição nº 0, abril de 1978, p. 2.
- LAMPIÃO DA ESQUINA. Lontras, piranhas, ratos, veados e gorilas, atenção: vocês também têm direitos (A ONU decidiu). **Lampião da Esquina**, n. 0, abril de 1978, p. 11.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MICCOLIS, Leila. Ninuccia Biachi, depois da absolvição. **Lampião da Esquina**, n. 27, agosto de 1980, p. 6.
- MICCOLIS, Leila. 28 de junho, um dia de Luta. **Lampião da Esquina**, n. 27, agosto de 1980, p. 4.
- MONTEIRO, Marko Synésio Alves Monteiro. **Masculinidade em Revista: um estudo da Vip Exame, Sui Generis, Homens**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), IFCH, Unicamp, 2000.
- RANCIÈRE, Jacques. **As distâncias do Cinema**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVA, Aguinaldo. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. **Lampião da Esquina**, n. 13, junho de 1979, p. 8.
- SILVA, Aguinaldo. Um candidato fala mais alto. **Lampião da Esquina**, n. 6, novembro de 1978, p. 4.
- SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o Sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em História Social), FFLCH, USP, São Paulo, 1998.
- SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. **Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambigüidades e paradoxos**. Tese (Doutorado em História Social), INHII, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- TREVISAN, João Silvério. Estão querendo convergir. Para onde? **Lampião da Esquina**, n.

2, junho, 1978, p. 9.

TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das "minorias". **Lampião da Esquina**, n. 10, março, 1979, p. 10.

TREVISAN, João Silvério. O ativismo e o abismo dos nossos desejos. **Lampião da Esquina**, n. 32, janeiro de 1981, p. 16.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade – Rio de Janeiro: Record, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.